

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Fernando Francisco

registada em 2008-09-11
por

Jenny Campos e Carla Aguiar

Fernando Francisco

Fernando Francisco nasceu no Monte Frio, no dia 19 de Junho de 1929. O pai chamava-se António Francisco, trabalhou no campo, foi para Lisboa e “depois veio para a terra e trabalhava de artesão a fazer brochas para as tamancas e para os tamancos”. A mãe, Maria dos Anjos, trabalhava no campo. Tiveram três filhos. “Os brinquedos era uma roçadoira e ir para o mato todos os dias.” Andou na escola cinco anos, no Monte Frio, mas só tirou quarta classe já adulto, em Lisboa. Começou a trabalhar com 7 anos, a roçar mato e a levar o milho para moer a Vila Cova do Alva. Depois foi trabalhar para Lisboa, tinha 17 anos. Trabalhou numa garagem alguns anos. Em 1949 foi à inspecção a Monte Frio e assentou praça no dia 25 de Março de 1950. Saiu em 1951 e durante três meses andou a acompanhar uma junta de inspecções pelos concelhos. Em 1957 foi para a Carris, começou por agulheiro, “a virar as linhas para os eléctricos para o destino que eles fossem”. Tirou a prática de cobrador e depois a de motorista. No dia 28 de Maio de 1957 começou a trabalhar de motorista. Foi no tempo da tropa que começou o namoro com a sua esposa, “quando estava mais tempo sem cá vir escrevia”. Casaram no dia 6 de Agosto de 1952, na capela do Monte Frio. Depois de um mês de casamento a esposa foi ter com ele a Lisboa e em 1953 nasceu o filho de ambos. Depois de reformado, a 1 de Fevereiro de 1984, voltou para a terra.

Índice

Identificação Fernando Francisco.....	4
Ascendência António Francisco e Maria dos Anjos.....	4
Infância Brincadeiras e brinquedos.....	5
Educação Tinha que saber tudo.....	5
Casamento "Tinha tudo uma norma".....	6
Descendência Em vias de ser bisavô.....	7
Casa "Uma casa modesta".....	8
Percurso profissional Do Monte Frio para Lisboa.....	8
Costumes "Dançavam ao toque da filarmónica".....	12
Religião A missa em Latim.....	13
Lugar	13
Sonhos Para o pé do pai.....	15
Avaliação Venham mais.....	15

Identificação *Fernando Francisco*

O meu nome é Fernando Francisco. Nasci no Monte Frio, no dia 19 de Junho de 1929.



Fernando Francisco

Ascendência *António Francisco e Maria dos Anjos*

O meu pai chamava-se António Francisco e nasceu no dia 6 de Agosto de 1896. Primeiro trabalhou no campo, depois foi para Lisboa. E depois veio para a terra e trabalhava de artesão a fazer brochas para as tamancas e para os tamancos. A minha mãe, Maria dos Anjos, nasceu no dia 11 de Novembro de 1898. Ela trabalhava no campo. Tínhamos ovelhas e cabras. Cultivava-se milho, batatas, feijão e centeio. Era o que se cultivava cá na terra para a gente comer. E às vezes

não chegava muito bem. Se os anos fossem muito secos, tinha-se de comprar ainda milho para moer e fazer broa.

Tenho dois irmãos. O José Francisco Marques é mais velho e outro, mais novo, chama-se Arnaldo Francisco Marques. Trabalhavam no campo. O mais velho ainda esteve também nas Secarias a trabalhar como moço num tipo que lá havia. Era muito crespo. Depois quando veio foi para Lisboa. Trabalhou na Farmácia Azevedos. O mais novo ficou cá ainda a trabalhar. Depois foi para Lisboa. Fez a tropa, foi para o Brasil e lá está. Embarcou dia 9 de Abril no 1957. Nunca mais veio ao Monte Frio.

Infância Brincadeiras e brinquedos

Brincadeiras tinha-as com o meu irmão mais novo. Íamos para a fazenda todos os dias guardar o gado e roçar mato. Para entreter era a brincar à tarde. Quando vínhamos da fazenda, brincávamos à cocha. Faziam-se uns buracos na terra e depois com umas pinhas e uns paus andava-se à paulada às pinhas para se introduzir nos buracos. E era outro jogo que era três berros e três fujam. A gente começava a gritar e uns fugiam para um lado e escondíamos. Depois havia um que tinha de encontrá-los. Era assim as brincadeiras naquele tempo. Os brinquedos era uma roçadeira e ir para o mato todos os dias. O dia-a-dia não tinha nada de especial. De manhã cedo, ao romper da manhã já a gente estava alerta para se comer o café com broa. Naquele tempo era broa e era boa.

Educação Tinha que saber tudo

A escola era no largo. Andei lá cinco anos. Estiveram cá duas professoras. Não passei na primeira classe porque havia um tipo qualquer, que se metia com as professoras e elas fugiam, iam-se embora. Depois é que veio para Monte Frio uma senhora professora de Seia, Guarda. Chamava-se Alzira de Magalhães. Esteve aqui 5 anos. Andei então com ela esses 3 anos, primeira, segunda e terceira classe fazendo o sacrifício. Depois, tirei quarta classe adulto em Lisboa. Andei com uma professora, passou de meio ano e fiz a instrução primária.

A lição

Com a primeira classe naquele tempo, ou com a terceira, sabia-se mais de história, geografia, dessas coisas todas que agora alguns com o quarto ou quinto

ano. A gente tinha que saber os rios todos, as serras, os reis, os reinados todos, tudo. Ainda há uma lição que era o Condestável que era assim:

"Com Nunes Álvares Pereira, um grande guerreiro, salvou Portugal numa ocasião que ele estava eminente de perder a sua independência."

Ainda lembro dessa história e sabia mais.

Os ralhetes da professora

Eu era um tipo que sabia bem ler e escrever e não dava muitos erros. Às vezes um erro ou dois. Uma vez dei 13 erros num ditado. Ela bateu-me nesse dia. Deu-me uma reguada. Então, não sei porque carga de diabo, comecei a fugir.

"No tempo das cerejas"

Lembro-me de quando fizeram a escola nova. Foi o ano do ciclone, em 1941, no dia 15 de Fevereiro. Tínhamos lá uma cisterna na escola. Tinha uma altura de água aí com 2 ou 3 metros de altura de água. Depois nós tínhamos a ponta de um pinheiro, que se cortou daqueles que o vento deitou abaixo. Um dia, no tempo das cerejas, pintei-me todo com cerejas pretas e que é que faço? Vou lá abaixo, descí pelas galhas do pinheiro para me ir lavar. Cheguei cá acima, a professora viu-me e esteve a ralar comigo. Não bateu, nem nada. Outra vez, quando eu fui à cesta buscar água, caí e molhei-me todo. Depois vim ali para um pinhal enxugar-me ao sol, mas ela também não me disse nada.

Casamento "*Tinha tudo uma norma*"

No namoro eu estava na tropa. Vinha ao Monte Frio e falávamos, conversávamos. Quando estava mais tempo sem cá vir escrevia. Tinha tudo uma norma. A minha esposa chama-se Adelina da Conceição Costa. Namorámos de 1950 até 1952. Foi quando a gente se casou.

Casámos no dia 6 de Agosto de 1952. Os pais dela já não eram vivos. Pedi-lhe em casamento a ela. Ela vinha da patroa e foi assim que a pedi em casamento. Ela disse:

- "Eu não mando, são os meus irmãos..."

E eu disse-lhe:

- Pronto está bem, eu vou escrever ao teu irmão, ao mais velho e conto-lhe o sucedido.

E foi assim. Eles disseram que estava bem. Casámos na capela no Monte Frio. Eu levava um fato preto que era o que se usava naquele tempo. A minha mulher ia de saia e casaco azul, ou lá o que era! A festa era o normal naquele tempo. Fazia-se um almoço. Fazia-se chanfana assada no forno, tigelada, arroz-doce e essas coisas assim.



Fernando Francisco e a esposa Adelina Costa (1952)

Depois de um mês de eu estar casado a minha esposa foi ter comigo a Lisboa. Ainda trabalhou numa senhora. Mas depois, quando eu entrei para a Carris, como tinha horários, a comida tinha de sair naquela hora certa e ela deixou de trabalhar.

Descendência *Em vias de ser bisavô*

Tenho um filho. Nasceu em 1953. Chama-se António Carlos Costa Francisco. É mais parecido a mim. Está em Lisboa e é vendedor. Tenho uma neta e estou em vias de ser bisavô em Dezembro. Estiveram cá no Verão e ele de vez em quando vem cá, em trabalho.



Fernando Francisco e Adelina Costa no casamento da neta

Casa "Uma casa modesta"

A casa onde vivia com os meus pais era uma casa modesta. Como eram todas na terra. Por baixo, no rés-do-chão, chamava-se uma loja. Era onde eu dormia mais o meu irmão mais novo. O mais velho foi para Lisboa ainda mais ou menos novo. Em cada casa era assim. Por cima, no primeiro andar, era a sala, cozinha. Tinha um corredor e era o quarto dos meus pais.

Percurso profissional Do Monte Frio para Lisboa

Pela mão do irmão mais velho

Comecei a trabalhar com 7 anos. Fui de manhã cedo mais o meu irmão mais velho, do Monte Frio ao monte mais adiante. Gastava-se aí 20 minutos para chegar. Fui roçar um molho de mato para trazer para o gado. Nesse mesmo ano, fui no Verão, em Agosto, com ele moer o milho a Vila Cova do Alva, lá às moendas que havia no rio. Eu levei meio alqueire de centeio ou centianinho. A gente usava mais o centianinho. É um cereal mais branco que o centeio e é mais doce. Eu levava meio alqueire e ele 3 alqueires de milho. Era para se moer, para depois se cozer a broa para os dias da bênção. Depois fui lá muitos anos. Quando tínhamos suínos, tinha-se de deitar farinha também aos suínos. Tive anos

de ir duas vezes numa semana. À segunda-feira e ao sábado. Demorávamos duas horas, com estaleiros de 3 alqueires de milho às costas por aí abaixo. Saíamos às três horas da tarde mais ou menos e depois dormíamos na moenda, em cima das tábuas, à espera que moesse o milho. Vínhamos no outro dia de manhã.

Puxado pelos tios

Depois fui trabalhar para Lisboa. Tinha 17 anos. Uns tios meus disseram para ir e eu fui. Fui para casa deles no Areeiro. Fui apreender a lavar automóveis. Ainda estive três dias sem começar a trabalhar. Às vezes saía do Areeiro, subia a avenida do aeroporto e ia ver os aviões. Naquele tempo eram só uns três ou quatro que tinha a TAP. Depois ia para casa outra vez, a pé. Estive na garagem alguns anos. Como era encarregado ganhava 2 contos de reis por semana. Naquele tempo não era nada mau. Era à semana que a gente recebia. Assim como na Carris. Eu quando fui para lá recebia sempre à quarta-feira.

A tropa

Em 1949 vim à inspecção a Monte Frio. Foi no dia 7 de Junho. Assentei praça no dia 25 de Março de 1950. Na Artilharia Ligeira nº 2 de Coimbra. Ainda vim duas vezes de bicicleta de Coimbra para o Monte Frio. Eu tirei a carta já na tropa. Era corteleiro no parque de automóveis. Depois é claro, dormia até no parque de automóveis. Tinha a cama e foi assim. Depois da recruta foi bom. Saí da tropa em 1951. Andei durante três meses a acompanhar uma junta de inspecções aí pelos concelhos. Só não vim a Arganil. Mas para baixo foi tudo: Góis, Penacova, Poiares, Penela, Soure, Figueira da Foz... Aí estive 11 dias lá adido no quartel. Os oficiais tinham lá a família na praia da Figueira e então, comíamos no quartel e lá ficávamos.

Uma carreira na Carris

Em 1957 fui para a Carris. Nessa altura, quando fui para lá a gente começava por agulheiro. Era virar as linhas para os eléctricos para o destino que eles fossem. Fazia serviço na Praça do Comércio. Fazia o desvio para os eléctricos que iam para a Ajuda, para Almirante Reis, Alto de São João e para Belém. Depois então, fui tirar a prática de cobrador. Andei uma semana a cortar bilhetes como cobrador e depois fui para tirar a prática de motorista. Foi no dia 28 de Maio de 1957 que comecei a trabalhar de motorista. Mas era autocarros de um piso.

Depois passado parece-me que era 3 meses é que começava a treinar com carros de dois pisos. Trabalhei em todas as carreiras da Carris antigamente. Agora está tudo alterado. Era da carreira 1 à carreira 50. Antigamente a gente tinha cobradores que trabalhavam connosco. Aquilo era picado com um alicate. Tinha um maço de bilhetes ou de dois furos, 15, 25 tostões, era assim. Uma pessoa dizia para onde é que queria ir e eles arrancavam o seu bilhete e picava-se na zona para onde ia. Um bilhete de 10 tostões dava para duas zonas, o de 15 dava para três, o de 2 escudos dava para quatro e o de 25 tostões dava para a carreira toda.



**Fernando Francisco (à esq.) com colegas
da Carris (Cobrador dos Três Povos)**

A carreira que gostava mais era a carreira 23. A que saía do pé do Hospital do Desterro para Algés. A gente saía do Desterro, passava o Luciano Cordeiro, Marquês do Pombal, subíamos às Amoreiras e depois entrávamos na auto-estrada, era uma maravilha. Muito gostava eu de trabalhar naquela carreira. Mais tarde, andei 14 anos num serviço de madrugada. Começava a trabalhar entre as

duas e tal da madrugada até às dez e tal. Tínhamos sete horas seguidas. Aí já a gente conhecíamos, mais ou menos, as pessoas todos os dias.

Depois de reformado

Quando me reformei, vim para a terra. Foi no dia 1 de Fevereiro de 1984. Depois em 1986 comecei a organizar um almoço dos artilheiros. Ainda estávamos muitos. Até tenho o telefone de alguns. Depois, nesse mesmo ano também, comecei a organizar o almoço dos reformados da Carris. Chegamos a juntar aí às 300 pessoas. Um ano foi no Sarzedo, até veio a banda da Carris tocar em Arganil, lá na praça da Câmara. Mas antigamente era só daqui da beira. Juntávamos às vezes aos 100, cento e tal. Depois os de Lisboa começaram também a ver no Jornal de Arganil e na Comarca. Eram os assinantes da região. Começaram-se também a inscrever e tal e começaram a organizar também os almoços. Mas o último ano que eu fui lá com eles foi a Minde, uma terra a seguir a Fátima, aquilo é uma barafunda. Então deixámos de ir. Os cá de cima fazem aqui à mesma. O ano passado foi no Mont'Alto e este ano também vamos lá. Juntamos aí uns tantos e é assim.



Fernando Francisco (à dta.) com dois colegas da Carris (Alto de Santo António)

Costumes "*Dançavam ao toque da filarmónica*"

O principal santo de Monte Frio é o Milagroso Bom Jesus. Mas tem também a Senhora de Fátima. Faziam-se as festas. Este ano não se fez nada disso. No próximo parece que há três pessoas que vão fazer a festa como era antigamente, com música, procissão e todas as coisas. Antigamente, era todos os anos sempre no dia 6 e 7 de Agosto, fosse quando calhasse. Depois começaram a fazer ao sábado e domingo. Era o primeiro sábado de Agosto e por vezes era só ao segundo sábado. Por exemplo, se o sábado fosse o dia 1, 2 ou 3 ficava para o seguinte.

Vinha a Filarmónica de Avô. Esteve muitos anos aqui a fazer a festa. Depois saía a procissão. Vinha dar a volta ao largo e voltava para baixo para a capela. A procissão era no sábado. Na festa dançavam aí bastante. Todos os anos eram nomeados dois mordomos para organizar a festa. Eu fui mordomo da festa dois anos, praticamente até fui 3 anos, em 1959. Depois mais tarde houve duas senhoras que não estavam cá. Estavam em Lisboa mas que recusaram-se a ser mordomas. Então, fez-se uma comissão. Aqui eram 13 os que moravam em Monte Frio. Em Lisboa era eu e mais dois a fazer o peditério. Então fomos mordomos esse ano também. Antigamente havia muita gente de Monte Frio em Lisboa. Quando eram as festas, em Agosto, tinha dias que vinham camionetas cheias de gente. Naquele tempo vinham no comboio para Santa Comba. Aos domingos as carreiras saíam de lá e vinham três camionetas com passageiros para aqui para o Monte Frio. Em 1987, também o meu filho foi mordomo. Até foi o ano que foi posto o coreto. Eu é que trabalhei para aquilo estar ali. Quer dizer, o terraço por baixo já estava, mas o chapéu por cima fui eu. Muitas vezes fui a Arganil por causa disso. O coreto era para a música estar à sombra. Tem bancos em pedra em toda a volta, mas depois não chegavam e punham-se uns bancos em madeira. E dançavam ao toque da filarmónica. Eu não dançava como deve ser. Não sabia as músicas para ir dançar e dava-me tonturas. É que caía mesmo, se não me amparassem.

Todas as festas tinham um leilão. Então eram fogaças e algumas já valiam aí 20 e tal contos, naquele tempo. Vinham mulheres com as fogaças à cabeça. Depois faziam a venda das fogaças e leiloavam também garrafas e essas coisas todas. Os mordomos e às vezes uma pessoa ou outra ofereciam também uma fogaça.



**Fernando Francisco a vender as ofertas
na festa (Monte Frio, 4 de Agosto de 1984)**

Religião *A missa em Latim*

Ainda ajudei muitas vezes à missa. Antigamente a missa era tudo em latim. Íamos aprender aqui à Moura da Serra. Havia aí um padre que estava no Seminário da Guarda que era professor e vinha aqui passar as férias do Natal, da Páscoa e do Verão. Andei a aprender a doutrina e aprendi a ajudar à missa em latim. A Confissão ainda digo muitas vezes em latim.

Lugar

Torresmos e chouriços

No dia da matança do porco era uma festa. Matava-se o porco, fazia-se logo os torresmos daquela suã do porco. Aquilo frito chama-se "à pobre". É só cortar-lhe as carnes aos pedacinhos, um bocadinho pouco de sal e fritar. Em geral éramos sempre quatro para agarrar e era o matadouro. As mulheres aparavam o sangue. Depois tinham de ir aos ribeiros lavar as tripas para fazer os chouriços. Depois cortava-se. À tarde tirava-se a carne que era para fazer os chouriços de

carne, os de sangue, o preto e as farinheiras. As farinheiras eram feitas com banhas do porco, que antigamente os porcos tinham umas banhas que era! Agora não, aquilo são umas pelezitas que não valem nada.

Todos juntos

Trabalhos em grupo era nas sementeiras. Às vezes, quando era na nossa sementeira lá na fazenda, era um dia a cavar a terra. Tínhamos um chão grande e eram quatro homens todo o dia a cavar. Do nascer até ao pôr-do-sol. E nas outras propriedades a mesma coisa. Juntavam-se para lá pessoas, pessoal para ir trabalhar. Às vezes acontecia à noite, depois de se pôr o sol, às 15 e 20 pessoas aí no caminho a virem na estrada para aqui para o Monte Frio. Depois era tempo de se sachar o milho. Antigamente havia cá muitas mulheres. As raparigas, naquele tempo, cantavam muito, andavam sempre a cantar. Às vezes andavam a cantar ao desafio com aquelas dos Pardieiros. A fazenda delas também era lá perto da ermida e cantavam ao desafio umas com as outras. Mas eram bastantes. Elas cantavam todas bem. As desfolhadas, em geral, só os da casa é que faziam esse trabalho.

Os dois pastores

Há uma lenda que havia dois pastores na Benfeita, que eram irmãos, e cada um tinha os seus rebanhos em casa. Um dia, um veio aqui para a serra e o outro ficou nos arredores da Benfeita. Então, o de lá de baixo disse-lhe assim:

- "Então como é que está aí o tempo?"

- "Muito frio, muito frio, muito frio!"

E o de lá de baixo disse assim:

- "Bem feita, bem feita!"

Diz que foi assim que chegou esta lenda das duas povoações, da Benfeita e do Monte Frio.

As alcunhas

A alcunha da minha família era os "Relvas". O meu bisavô era das Relvas, Teixeira, e veio casar cá a Monte Frio. Depois, por ele ser de Relvas ficou a família dos "Relvas". O "Chupa-quartilhos" era um tipo que havia aí. A história é um tipo que esteve preso muitas vezes. Apoderava-se das coisas e era um bom marceneiro. Como ele bebia muito vinho puseram-lhe o nome de

"Chupa-quartilhos". Os "Negritos" são do Enxudro e os do Monte Frio são os "Valentões".

Os médicos

Antigamente não havia médico no Monte Frio. Chamavam o médico de Côja. Era o doutor Batista e o doutor Alfredo Luís, Ministro até do Interior. O doutor Vasco Campos de Avô também e havia um curioso, que era aqui da Benfeita, que dava injecções e essas coisas assim. Curava aí muita gente.

As sardinheiras

O peixe era o bacalhau e vinham ao Monte Frio as sardinheiras vender sardinha. Quando era as feiras em Côja e em Avô ia-se também lá comprar a sardinha. Era de mês a mês. Mas essa sardinha, nesse tempo, era boa. A gente comprava aí um cento de sardinha ou assim, punha-se num canastro, estava sempre boa. Punha-se depois um bocado na água para sair aquele sal e depois comia-se. Ai que boa sardinha era naquele tempo!

Os melhoramentos no Monte Frio

Uma das coisas mais importantes, já há muitos anos, foi o calcetamento aí das ruas, tudo em paralelos. Cá na freguesia da Benfeita, não havia, nem há, terra nenhuma, que tivesse uma rua como nós tínhamos aqui. E um largo também. No concelho poucas terras tinham um largo como nós tínhamos aqui. Agora, era acabar a casa ao lado da Comissão, fazerem almoços e assim. Fazer como esteve aqui, dois anos, uma senhora, que era da Moura da Serra, que agora está em Arganil nos restaurantes São Gens. Fazia aqui almoços e jantares todos os dias. Isto dava uma alma à terra. Principalmente aos domingos vinha aqui muita gente. Tínhamos domingos de estarem às 40 e poucas pessoas a almoçar.

Sonhos *Para o pé do pai*

O sonho que eu tive ou que concretizei foi trabalhar e pedia muito que eu me reformasse e viesse até ao Monte Frio, para o pé do meu pai. Ainda estive uns anos com ele vivo. Morreu em 1992 e eu vim em 1984 para cá. Agora não posso fazer nada. Eu é só comer. Só estou bem é sentado ou deitado, mais nada.

Avaliação *Venham mais*

Era bom se viesse mais gente mas não há condições. Isto aqui é uma miséria. Há pessoas que se queixam por causa do médico. Mas mesmo agora ainda está muito bom. Com os médicos já foi bem pior noutros tempos. No tempo dos meus pais e outros que se criaram e não tinham nada era uma miséria!